

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Alice Florentino Da Silva
Jéssica de Moura Rodrigues
Mariana Alves Saraiva

VIOLÊNCIA NA ESCOLA:
Quais são as causas que levam esse fenômeno ao âmbito escolar?

JOÃO PESSOA
2016

Alice Florentino Da Silva
Jéssica de Moura Rodrigues
Mariana Alves Saraiva

VIOLÊNCIA NA ESCOLA:
Quais são as causas que levam esse fenômeno ao âmbito escolar?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

JOÃO PESSOA
2016

Alice Florentino Da Silva
Jéssica de Moura Rodrigues
Mariana Alves Saraiva

VIOLÊNCIA NA ESCOLA:
Quais são as causas que levam esse fenômeno ao âmbito escolar?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Isolda Ayres Viana Ramos
Orientadora

Prof. Drº. Pedro Jusselino Filho
Examinador

Prof. Drª Janine Marta Coelho Rodrigues
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Tereza Cristina e José Florentino, ao meu esposo Alex Pinho e meus irmãos Aline e Raphael, que sempre me incentivaram e me apoiaram, dedico também a nossa orientadora Isolda Ayres, que foi de extrema importância para a conclusão e sucesso do nosso trabalho.

Alice Florentino da Silva

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele sei que eu não teria chegado até aqui. Aos meus pais, Fátima e Walter, por todo apoio, esforço, sacrifícios e provações desde sempre para que eu pudesse ter tudo de melhor, incluindo uma educação digna e de qualidade. Pela minha força de vontade também, pois muitas vezes me deixei fraquejar e desistir.

Jéssica de Moura Rodrigues

DEDICATÓRIA

A minha mãe Marleusa, que jamais deixou de me incentivar, por menor que fosse a contribuição.

Mariana Alves Saraiva

AGRADECIMENTO

Eu dedico este trabalho, primeiramente a Deus, à minha família, em especial aos meus pais e meu companheiro Alex que esteve presente em todo o processo e não só me apoiou como me incentivou e me deu forças para dar o meu melhor, me poupou até das atividades domésticas, aumentando suas responsabilidades rotineiras, para que obtivéssemos o melhor resultado e que o nosso trabalho fosse de imensa qualidade.

Só tenho a agradecer por fazer o trabalho na companhia das minhas amigas Jéssica e Mariana, foi um período de muita intensidade, desde a pesquisa até a conclusão do trabalho, foi difícil, os ânimos se exaltaram, muitos encontros, muitas divergências, mas o mais importante é que deu tudo certo.

Alice Florentino Da Silva

AGRADECIMENTO

Agradecer mais uma vez Aquele que tudo pode tudo concede e fez com que eu continuasse minha caminhada mesmo com todos os obstáculos no caminho. A minha mãe e meu pai pelos sermões, reclamações, orações, amor e dedicação, valeu muito a pena.

Agradeço a minha querida e maravilhosa orientadora Isolda Ayres Viana, por ter aceitado o convite, ter embarcado nesse desafio e assim contribuir na minha formação acadêmica e pessoal. Pela paciência e seriedade, fazendo com que tudo fosse possível.

Agradeço também aos examinadores e excelentes professores, Pedro Jusselino e Janine Coelho por também aceitar o convite e ter dado suas contribuições, palavras de carinho e aprovação.

E por fim, as minhas colegas de trabalho que acabaram virando amigas, Alice e Mariana, por não terem desistido, não foi nada fácil e só nós sabemos do longo e árduo percurso até aqui. Mas chegamos ao fim de mais uma etapa de nossas vidas, para que outras possam chegar.

Jéssica de Moura Rodrigues

AGRADECIMENTO

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração de muitas pessoas. Manifestamos a minha gratidão a todas elas e de forma especial: Família, amigos, principalmente Jéssica e Alice, professores e a minha orientadora Esp. Isolda Ayres.

Mariana Alves Saraiva

“Violência gera violência, os fracos julgam e condenam, porém os fortes perdoam e compreendem”.

(Augusto Cury)

RESUMO

Este trabalho trata da violência na escola e teve como objetivo analisar as causas que promovem esse fenômeno no âmbito escolar. Sabe-se que a violência escolar é uma prática que existe desde a Idade Média e perdura-se até os dias de hoje. O que era para ser uma relação saudável acabou se tornando um campo de ameaças, agressões e abusos entre os professores e os próprios alunos. Os autores que serviram de base teórica foram: Priotto e Boneti (2009), Rosa (2010), Pino (2007), entre outros. O tipo de pesquisa foi descritivo, de campo e bibliográfica. A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa. Esta pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual, na qual foram aplicados questionários para investigar as causas da violência escolar, onde os participantes foram os professores e a coordenadora. A partir dos dados coletados, pode-se perceber que há contradições entre professores e a coordenação, pois eles até conhecem sobre o fenômeno, mas desconhecem como abrandar a situação dentro da escola.

Palavras-chave: Violência escolar. Professores. Alunos.

ABSTRACT

This research show with violence in school and aimed to analyze the causes that promote this phenomenon in the school context. It is known that school violence is a practice that exists since the middle ages and lasts until today. What was meant to be a healthy relationship turned out to be a field of threats, assaults, and abuses between teachers and the students themselves. The authors that served as a theoretical basis were: Priotto (2009), Boneti (2009), Rosa (2010), Pino (2007), among others. The type of research was descriptive, field and biographical. The methodology used was qualitative approach. This research was done in a state school, in which questions were asked to investigate the cause of school violence, the participants were the teachers and the coordination. They know the phenomenon, but they do not know how to improve the situation inside the school.

Key words: School violence, Teachers, Students.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Perfil dos sujeitos da pesquisa.....	42
Tabela 2 – Campo de atuação dos professores.....	43
Tabela 3 – Se já foi alvo de violência verbal.....	44
Tabela 4– Causas da violência na escola.....	45
Tabela 5 – Atitudes da escola diante da violência.....	46
Tabela 6 – Tipo de suporte que a escola oferece.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

OMS - Organização Mundial da Saúde

PPP – Projeto Político Pedagógico

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

USAID – United States Agency For International Development (Agência dos Estados Unidos Para O Desenvolvimento Internacional)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	VIOLÊNCIA.....	19
2.1	CONCEITO.....	19
2.2	A VIOLÊNCIA E SEUS FATORES.....	25
2.2.1	Tipos de violência e suas causas.....	25
2.2.2	O Bullying.....	26
2.3	O PAPEL DA ESCOLA FRENTE À VIOLÊNCIA.....	27
2.4	O PROBLEMA DA INDISCIPLINA NAS ESCOLAS.....	27
2.5	POLÍTICAS PÚBLICAS.....	28
2.6	A FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	29
2.7	TITULAÇÕES.....	31
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	37
3.1	TIPO DA PESQUISA.....	37
3.2	LOCAL DA PESQUISA.....	39
3.3	UNIVERSO DA PESQUISA.....	40
3.4	INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS.....	40
3.5	RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS.....	41
3.5.1	RESULTADOS E ANÁLISES DOS PROFESSORES.....	41
3.5.2	RESULTADOS E ANÁLISE DA COORDENADORA.....	50
4	CONCLUSÃO.....	53
	REFERÊNCIAS.....	54
	APÊNDICES.....	57
	APÊNDICE A- Questionário do professor.....	58
	APÊNDICE B- Questionário da coordenadora.....	60
	ANEXO.....	62
	ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	63

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a discussão sobre a violência escolar. O interesse pela temática surgiu depois de alguns textos lidos e observados, quando vimos que esse tema é sempre discutido e debatido em todo lugar e sobre alguns casos de violência que vem acontecendo atualmente, com grande frequência, em ambientes escolares, professores tendo medo de trabalhar por sofrerem ameaças de seus alunos dentro das salas de aula. Sempre existiu a violência, mas sabemos que no mundo de hoje virou algo de muita preocupação na sociedade, ganhando mais força e tomando proporções totalmente fora do controle.

É fato que as políticas públicas para combater a violência nas escolas ganharam força com o apoio da população, as leis tornaram-se mais severas para quem pratica esse tipo de ato com crianças, adolescentes, adultos e idosos que não conseguem se defender sozinhos. Muitas escolas hoje construíram redes de proteção como: guardas, câmeras de vigilâncias e polícia solidária para amparar os alunos em situações de riscos e livrá-los do assédio de possíveis agressões e de aliciamentos para uso de drogas, que é um assunto atualmente muito discutido. Na maioria das vezes, a droga é a causa principal da violência dentro das escolas.

A violência é um fenômeno muito praticado no interior da escola e com o passar do tempo essa prática vem aumentando cada vez mais. Existem muitos fatores que se associam a esse comportamento e a escola juntamente com a família são fundamentais para um progresso na diminuição desse fenômeno. Quando se pratica a violência, o indivíduo sabe que haverá uma punição, mesmo que seja uma violência física ou verbal, ele terá que arcar com as consequências desde o começo dos atos.

O problema da violência não acontece somente no Brasil, vez por outra as manchetes dão conta de que nos países do primeiro mundo jovens armados com armas de grosso calibre invadem escolas renomadas e matam dezenas de alunos, professores e pessoas que estiverem próximas. O professor é um personagem indispensável na vida e na educação de todos nós e não existe um respeito e valorização que merecem, pois ao chegarem às salas de aula não sabem com o que vão se deparar e qual a “novidade” que seus alunos vão trazer para agredir quem estiver por perto. A tendência é de que continue aumentando a prática dessas agressões e isso é algo que assusta muito nos dias de hoje.

Segundo Debarbieux (1998, p. 39, apud ABRAMOVAY, 2003) a escola está mais vulnerável a fatores externos, como desemprego e a precariedade da vida das famílias nos

bairros pobres. Ele menciona ainda o impacto da massificação do acesso à escola, que passa a receber jovens afetados por experiência de exclusão e de participação em gangues. Esses fatores externos de vulnerabilidade se somam àqueles decorrentes do aumento as condutas inadequadas ou não usuais na escola.

É necessário que o professor entenda todos os aspectos históricos, econômicos e culturais da sociedade, principalmente do seu aluno dentro do âmbito escolar. Infelizmente a violência escolar vem crescendo nos últimos anos nas instituições, sendo assim o número de educadores tende a cair, pois além dos salários baixos os episódios de violência e o medo têm levado os professores a desistir desta profissão. As causas para a tal violência estão na desestruturação familiar, miséria, agressividade dentro e fora de casa, falta de instrução, limites, entre outros.

Entretanto, outro motivo bem relevante para a violência está na falta de estrutura das escolas. Para tentar superar a crescente violência escolar é preciso a união entre escola, alunos e pais. Pois o indivíduo se forma a partir de muitas influências, e cabe a família ser a base de valores e princípios. O desrespeito é inadmissível, mas o papel do profissional da educação é de refletir e compreender sobre a violência crescente e a realidade do dia a dia dos seus alunos. Sociedade e educação caminham juntas, uma precisa da outra para se sustentar, visto que todos nós precisamos de uma boa educação para nos relacionarmos.

Com isso, a sociedade tem o papel fundamental de agir e buscar soluções que melhorem as condições de vidas para estes profissionais que tanto fazem por uma educação cada vez melhor. Dando todo o suporte necessário dentro das salas de aulas, qualificando e reconhecendo o seu trabalho. Este trabalho tem como finalidade analisar as causas que levam a ocorrência da violência em uma escola estadual da cidade de João Pessoa. De fato, o fenômeno tem mais frequência em escolas públicas e por esse motivo decidimos estudar sobre a violência escolar, por ser um tema bastante relevante e polêmico. Nas instituições estaduais que já estagiamos presenciamos algumas situações de violência e isso gerou vários questionamentos sem respostas constatando o inevitável, de que invadiu todas as áreas de relações e que não vem sendo tratada de forma devidamente correta. Neste sentido, esse estudo é justamente para nos alertar, o que antes era uma questão de disciplina hoje é tema de estudo em muitos países visto como um problema social preocupante que precisa ser discutido para se pôr um fim.

Temos como objetivo geral do trabalho: analisar as causas que promovem a violência dentro da escola e como objetivos específicos temos: Investigar as causas da violência na

escola lócus da pesquisa; Coletar dados relativos à violência, com professores da escola; Analisar qualitativamente os dados coletados, a luz da teoria e Construir um marco teórico que auxilie na compreensão do fenômeno investigado. Tivemos o acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola, onde nos ajudou e foi muito útil durante o desenrolar do TCC, colhemos informações necessárias da instituição onde foi realizada a pesquisa e acerca do tema em estudo.

2 VIOLÊNCIA

2.1 CONCEITO

Segundo Priotto e Boneti (2009) no trabalho “Violência Escolar: Na escola, Da escola e Contra a escola”, apresentam a existência destas três classificações de violência escolar. Versam sobre as violências exercidas entre alunos, entre aluno e professor e com a instituição escolar. Prática esta que possui relação íntima com os aspectos econômicos, culturais e sociais.

Ainda segundo Priotto e Boneti (2009),

...trata-se de entender o fenômeno da violência nas escolas como atos de violência contra as instalações da escola, contra os professores e dos alunos uns contra os outros, apontando os fundamentos socioeconômicos e familiares como causa, numa tentativa de apontar possíveis soluções para o problema. (p.163).

Desse modo, a violência na escola é a prática desenvolvida dentro da instituição educacional. A violência contra a escola é a manifestação de práticas negativas ao espaço escolar, como depredações, incêndios, invasões. E a violência da escola é a exercida pelas posições de poder e o seu abuso. Isso pode levar o aluno a desinteressar-se pelas aulas, levando a desistências.

A violência escolar também possui relação com as dimensões internas e externas à escola, uma vez que os alunos chegam à escola com uma carga familiar, social e cultural. E o trabalho para a sua minimização é árduo e complexo, pois envolve questões pessoais.

Esse fenômeno oferece um espaço de insegurança para a comunidade escolar, acaba por dizimar o sentido do espaço educacional, deve manter-se em harmonia no processo de ensino-aprendizagem. Essa realidade é real nas instituições públicas e privadas.

O estudo de Priotto e Boneti (2009) conclui que a violência nas escolas públicas e particulares possuem as mesmas características, mas diferenciam-se na perspectiva do olhar do professor para as suas causas. E também sobre o papel da escola no trabalho com essa realidade.

A violência escolar pode ocorrer de forma física praticada por um indivíduo ou um grupo; agressão física vindo a resultar em óbito; violência simbólica, caracterizada pelo abuso

do poder, seja na relação aluno e professor ou violência institucional, uma vez que a escola pratica violência contra os alunos, tendo como resposta a desistência; e violência verbal.

Mas a problemática da violência escolar toma um papel mais complexo, pois o seu desenvolvimento vem tornar sensível um sistema que possui inúmeros encaixos. Dessa forma, conforme Priotto e Boneti (2009):

Observa-se que atitudes como ofender, ignorar, excluir, ferir, humilhar, sempre foram encontradas nas escolas, não importando de se ensino público ou particular, se de ensino fundamental ou médio. O fenômeno tem-se estendido cada vez mais para as séries iniciais e acaba muitas vezes por sair da escola e invadir a vida pessoal, através de mensagens pela internet e celulares. (p.166).

Porém, o sistema educacional, muitas vezes, não compreende a diferenciação entre violência e indisciplina. Com isso pode resultar a violência da escola. E assim, Priotto e Boneti (2009), destacam que: “Assim quando a indisciplina não é entendida pelo professor, a escola pratica violência *da* escola.”. Isso traz como consequência um processo de exclusão social.

Dessa maneira, a escola possui o papel de buscar a igualdade social, mas o descuido das suas práticas pode promover um resultado contrário. A escola irá desenvolver o seu papel em consonância com as políticas públicas, a fim de minimizar essas problemáticas que assolam o sistema educação pública no Brasil.

De acordo com Pino (2007):

Pode-se dizer então que, se a escola, como outras instituições sociais, muito pode fazer para incentivar a compreensão por parte dos alunos dos valores realmente *humanos*, livres de qualquer afetação moralista, capazes de fornecer razões para não optar pelo uso da violência no intuito de viver uma sociedade *humana*, ela tem também que repensar sua função numa sociedade em constante mudança. (p. 782).

Destarte, entende-se que a escola constrói valores humanos, como a formação para o exercício da cidadania, apresentada no Art. 5º da Constituição Federal de 1988. E a violência nas escolas está na contramão com esses princípios, bem como na problemática do processo de ensino aprendizagem.

Nesse sentido, as consequências da violência escolar são bem mais profundas do que podemos imaginar, pois as suas práticas são das mais variadas e não há uma solução homogênea para a sua dissolução. Os alunos que sofrem esse fenômeno acabam por criar barreiras com a escola. E assim, o seu desenvolvimento educacional fica comprometido.

Porém, não se pode esquecer e estudar os fatores que geram as práticas violentas nas escolas, como foi apresentado anteriormente, o contexto familiar e social possui relação intrínseca com esse fenômeno. E o trabalho família-escola pode ser o caminho para a conscientização dessa realidade escolar, pois o trabalho do professor também ficará comprometido em ter que lidar com alunos indisciplinados, ressaltando que indisciplina difere de violência, mas a falta do controle dessa indisciplina pode resultar em agressividade.

Assim como apresenta Rosa (2010),

A indisciplina na escola possui diferentes motivos e é a maior causadora da violência, as causas estão nos problemas familiares, inserção social ou escolar, excessiva proteção dos pais, abuso da violência doméstica, carências sociais, influências negativas, entre outros. Nestes casos o professor muitas vezes fica impotente a depender de cada situação. No entanto, existem outras causas que resultam de disfunções entre alunos, professores e escola. (p. 147).

A indisciplina dentro da sala pode ser resultado de um ato enfadonho, o desinteresse pelo conteúdo ou até mesmo a metodologia adotada não contemple a realidade dos alunos. E o preocupante é resultado violento deste desinteresse, pois a violência entre os jovens tende a aumentar, principalmente com o avanço tecnológico, uma vez que a programação direcionada a este público alvo está se tornando cada vez mais violenta.

Para a escola entender como deve trabalhar com a questão da violência, a mesma deve estudar as suas causas, como ela ocorre. Deve pensar em quais os meios que pode acionar para a conscientização desse fenômeno tão destrutivo no processo de ensino-aprendizagem.

Como um espaço de intenso convívio dos jovens, a escola precisa fornecer um espaço de diálogo, participação efetiva da comunidade na tomada de decisões da escola. Dessa forma, a gestão democrática deve ser a mais um dispositivo a fim de diminuir os índices de violência no contexto escolar.

A escolar deve trabalhar em comunhão com a família para que suas práticas tenham respostas mais positivas.

Assim, como defende Rosa (2010),

As famílias precisam estar atentas ao comportamento dos filhos dentro e fora da escola, relação com professores e colegas, cumprimento das atividades, respeito ao próximo, frequência as aulas, contando com a direção da escola e professores, vigiar amizades, é preciso estar a par da situação. Se a família se compromete com seu papel estará contribuindo com o bom andamento escolar do aluno. (p.150).

A violência da escola necessita de estudos aprofundados, uma vez que o assunto é delicado, contanto que suas causas e consequências são das mais variadas. Pois a dimensão familiar, social e cultural é intrínseca ao processo de desenvolvimento humano, na construção de princípios e valores. Dessa forma, a escola deve estar em consonância com a família e a realidade dos alunos.

Isso é um trabalho que envolve toda a comunidade escolar, desde a construção do Projeto Político-Pedagógico, até as estruturas físicas da escola. A família na escola possui sentido de desenvolvimento e participação, em que o trabalho das propostas da escola possa ser construído em conjunto e possuir uma maior possibilidade de efetivação.

O trabalho com as questões de violência na escola deve ser constante, principalmente quando a comunidade for carente, assim possui a necessidade de esclarecimentos de práticas como o *bullying*, muitas vezes praticadas sem a noção da sua existência.

Como explica Rosa (2010):

O fato que desencadeia o *bullying* está entre crianças e adolescentes que apresentam qualquer característica física ou de comportamento que ao entender dos praticantes do *bullying* são diferentes, a exemplo dos negros, pessoas muito gordas ou magras, tímidas, medrosas, de classe social inferior, entre outros, não há explicação ou justificativa para a prática do *bullying*, ele surge e se instala nas escolas, entre grupos e é um grande problema social e educacional. (p. 153).

A prática do *bullying* acontece de forma paulatinamente e o resultado ao psicológico da vítima é muito grave. E a perda educacional é gigantesca, pois as vítimas de *bullying* sentem-se amedrontadas com as práticas cruéis que lhes são direcionadas, comprometendo assim, o desenvolvimento escolar desses sujeitos, trazendo danos à escola e à sociedade como um todo. Porque um sujeito que pratica *bullying* faz mais de uma vítima.

Toda prática de violência, seja no contexto educacional e os demais espaços da sociedade, deve ser estudada para sê-la dissolvida ou minimizada. E assim, diminuir os

déficits advindos desse fenômeno. E a escola encontra ainda mais dificuldade quando não encontra apoio social e familiar.

A violência é produtora de exclusão social, assim como o seu em torno é também produtor de exclusão, em que o olhar para o papel da escola deste fenômeno irá divergir entre as instituições públicas e particulares. Pois estas instituições possuem contextos diferentes, e com isso, as suas atitudes se dissolverão a partir do contexto social de cada um.

A possibilidade do diálogo irá contribuir fortemente para a escolar lidar melhor com esse fenômeno, para isso é preciso um trabalho de conscientização dos gestores, professores, funcionários, alunos, pais e demais componentes da comunidade escolar. Pois a escola é para a comunidade um espaço de recreação, aprendizagem, construção de faculdades, e pensamento crítico.

Dessa forma, Rosa (2010) ressalta que:

Diante do que foi visto e da reflexão realizada, percebe-se que está no dialogo o maior meio de prevenir a violência no ambiente escolar, que deve acontecer em casa e na escola, grupos de ajuda e de conscientização do papel da família e da educação, é essa união que pode contribuir positivamente para a redução do problema, beneficiando toda sociedade. (p.157).

Para a tentativa de dissolver a questão da violência escolar a sentido, nacional e internacional, as escolas devem ser subsidiadas por políticas públicas, em que sustentem suas propostas e ofereçam mais suporte como estudos e análises de casos. Promovam debates públicos e em espaços acadêmicos para o desenvolvimento de trabalhos em volta desta problemática.

E para essas políticas públicas serem desenvolvidas, as mesmas devem desenvolver-se de forma organizada e fundamentada. E assim, ser possível atingir o seu objetivo final, pacificar a realidade educacional que apresente práticas de violência. Assim como defende Gonçalves e Sposito:

Outro elemento que tem orientado o nascimento de políticas públicas é o conjunto de percepções que mobiliza educadores a inscrever suas escolas ou mobilizar seus alunos para participar de projetos de redução da violência. Esses educadores podem estar motivados por uma sensibilidade ao conjunto não desprezível de dificuldades que os jovens e adolescentes enfrentam na sua experiência de vida. Mas podem também estar influenciados por uma idéia bastante recorrente ao debate público:

aquele que vê o jovem e o adolescente como “problema social” e, como tal, devem ser alvos de ações reparadoras por parte do mundo adulto. (p.135)

Essas percepções, supostamente, iriam contribuir na prevenção do desenvolvimento, ainda mais, desse fenômeno, em que possibilitaria afastar os jovens favoráveis a esta prática. É necessário ainda, que a educação fomente a concepção do pensamento crítico e reflexivo do resultado das ações tomadas.

A violência escolar não pode mais ficar sem o desenvolvimento destas políticas públicas, esse fenômeno deve ganhar espaços nos debates, bem como nas propostas para a sua minimização. Com análises comparativas da eficiência do conjunto público, a fim de minimizar a proliferação da violência.

Dessa forma, é preciso possibilitar aos docentes um espaço que seja possível pôr em prática o seu plano de ensino. Seja em instituições privadas, que os alunos usam do poder aquisitivo para amedrontar o professor com ameaças de pedido de demissão. E nas instituições públicas que possuem um cenário de uma clientela excluída.

A exclusão resulta a violência, em que se propaga em níveis de grandes proporções, causando vítimas do processo educacional, pela ineficiência o sistema escolar público brasileiro. Assim, Gonçalves, defende ainda:

Se as orientações das administrações oscilavam entre o reconhecimento de práticas autoritárias na vida escolar e da sua fraca capacidade de interagir com o conflito posto entre o mundo adulto e o universo dos alunos, propondo para isso, mecanismos facilitadores de uma maior participação de alunos e pais, o discurso atual incide sobre a população jovem, possíveis protagonistas do crime e, portanto alvo de ações preventivas. (p.135)

Desse modo, o contexto educacional público brasileiro, assim como o privado, devem encontrar subsídios em trabalhos e estudos acerca da violência escolar. Envolvendo a família como fonte de desenvolvimento das propostas da escola, os alunos poderão estender à sua casa o que a escola pretende.

2.2 A VIOLÊNCIA E SEUS FATORES

Para justificar os aspectos determinantes do conceito de violência apresentados pelos autores dado ao longo do texto, citamos abaixo os tipos de violência na escola e suas causas, sendo eles: violência física, violência verbal, bullying, entre outros.

2.2.1 Tipos de violência e suas causas

O contexto social, familiar e escolar promove a construção da identidade dos indivíduos, repassam valores, bem como constroem situações negativas quando algumas ações fogem do controle. Neste caso, iremos centrar o estudo da violência escolar.

A violência escolar acontece de forma física e psicológica, com espancamentos, xingamentos, exclusão, preconceito e tortura emocional. O bullying vem como uma prática mais lenta e perversa, pois o seu praticante não o faz uma única vez, mas constante. As agressões físicas na escola acabam por prejudicar o desenvolvimento de ensino e aprendizagem dos sujeitos agredidos.

As causas que podem fazer aparecer à agressão são incalculáveis, tanto nas formas em que se manifestam como nos prejuízos que ocasionam. Em geral as causas ou fatores que o provocam podem ser pessoais, familiares e escolares. E a escola também pode incitar a violência, através das suas punições, humilhações e exclusão.

Os tipos de violência mencionados ocorrem derivados da falta de estrutura familiar, contexto social violento, gangues juvenis e até mesmo com o tráfico de drogas na escola. Esse problema vem se tornando cada vez mais recorrente, uma vez que a violência contra a escola tem muitas vezes esse objetivo.

A violência escolar necessita de maior atenção quanto a sua origem, causas e os tipos de violência que ocorrem nesse contexto. A escola deve estar atenta para essa problemática, a mesma possui uma grande responsabilidade de formar sujeitos e todas as suas dimensões devem ser refletidas.

2.2.2 O Bullying

Atualmente tornou-se comum falar sobre Bullying no contexto escolar e nos demais setores da sociedade, mas isso não quer dizer que é uma prática apenas dos dias atuais. Antigamente também existiam as práticas de Bullying, porém não era falado a respeito dela.

O termo Bullying é uma palavra de originada do inglês, *bully* significa traduzido para o português brigão, tirano ou valentão. No dicionário de significados encontramos a seguinte definição “**Bullying** é toda ação repentina com a intenção de machucar o outro seja ele verbalmente, ou seja, ele fisicamente”.

Portanto, percebe-se pelo conceito que é um ato de violência que tem acontecido no espaço escolar, seja pela vítima ser diferente dos padrões colocados pela sociedade ou pela simples satisfação do que está fazendo o Bullying. Para Olweus (1993, p.8, apud SANTOS et al. 2013) “um aluno está a ser provocado/vitimado quando ele ou ela está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas”. Sendo assim, esse tipo de violência pode acabar provocando consequências não apenas físicas, mas psicológicas.

Por isso, que lutar contra este tipo de violência é uma questão de saúde, como aponta Neto (2005, p.2) “a prevenção do bullying entre estudantes constitui-se em uma necessária medida de saúde pública, capaz de possibilitar o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes, habilitando-os a uma convivência social sadia e segura”. Entretanto não é uma questão apenas de saúde, mas também é uma questão nossa, da educação, pois a escola deve garantir a integridade de seus membros, combatendo essa forma de violência que tem provocado danos nos nossos alunos.

Segundo uma pesquisa realizada pelo IBGE em 2015 46,6% dos alunos sofreram bullying, em 2012, eram 35,3%, se percebe que este número tem crescido. Segundo os dados dessa pesquisa “Quase a metade dos alunos entrevistados na pesquisa (46,6%) diz que já sofreu algum tipo de bullying e se sentiu humilhado por colegas da escola. A maioria (39,2%) afirmou que se sentiu humilhado às vezes ou raramente e 7,4% disseram que essa humilhação acontece com frequência e entre os principais motivos está a aparência” (RAIMUNDI, 2016).

São dados que chamam a nossa atenção, enquanto educadores devemos montar projetos que falem acerca desse assunto, das consequências causadas nas vítimas e do que o agressor pode sofrer de acordo com a lei que pune este crime quando comprovado. Mediante o que foi exposto

sobre esta forma de violência, pensamos qual é o papel da escola frente a esse tema? É o que vamos discutir no próximo tópico.

2.3 O PAPEL DA ESCOLA FRENTE À VIOLÊNCIA

Sabemos que a escola tem um papel fundamental na sociedade, como aponta Anacleto et al. (2005, p.3) ela é “o lugar onde se aprende os princípios básicos, sociais, moral e ético indispensável para o convívio e bem estar de uma coletividade”, ou seja, é um local indispensável para o ser humano no seu processo de aprendizagem. Porém, como aponta estes mesmos autores a violência vem alterando o papel da escola, interferindo na aprendizagem dos integrantes da escola.

Sabe-se que um bom aprendizado acontece quando o indivíduo está saudável, consideramos uma pessoa saudável aquela que tem a saúde física, mental e espiritual equilibrada. Ou seja, se uma delas encontra-se com deficiência não podemos dizer que a pessoa está saudável, sendo assim seu processo de aprendizagem terá dificuldade. A violência acaba afetando pelo menos duas dessas a saúde física e mental, portanto a escola tem que atuar no combate a mesma.

Diante desse cenário de crescente violência, a escola tem o papel de promover “estratégias conjuntas entre sociedade, estado, família e escola, efetivando de fato as políticas públicas que visam à proteção desses sujeitos, criando espaços de debates sobre implementações e ações que sejam cada vez mais efetivas contra a violação de direitos humanos” (ANACLETO et al, 2005, p.8). Percebe-se que sozinha a escola não consegue dar conta dessa demanda, é preciso ter um apoio da sociedade como um todo, principalmente da família, que é a base dessas pessoas que se encontram na escola.

2.4 O PROBLEMA DA INDISCIPLINA NAS ESCOLAS

Nos dias de hoje é um desafio aos educadores a indisciplina dentro do âmbito escolar. Segundo Garcia (1999), a indisciplina na escola tem algo além a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. A indisciplina escolar não é um fenômeno paralisado, está crescendo nas escolas. Para Amado

(1999, p. 25): “quando falamos de indisciplina, não falamos de um mesmo fenômeno, mas de uma diversidade de fenômenos por detrás de uma mesma significação”.

Observa-se então, que ao longo da sua história, a escola vem assumindo cada vez mais características próprias, envolvendo desde aspectos relacionados com a comunidade onde está inserida, com os valores morais e éticos preservados por ela, configurando-se uma instituição onde as condições histórico-sociais são determinantes, sendo assim a responsabilidade da família acabam transferindo para a escola. E a função da escola remete justamente na importância para a sociedade que reside no fato de que a escola passou a ser um importante instrumento de transmissão do legado civilizacional, vivenciando momentos simultâneos de criação-conservação, de tradição-inovação.

Percebe-se também que os alunos têm certa resistência e custa para o professor entender que os alunos não querem se conformar em aulas pouco interessantes, descontextualizados e baseadas em relações ditatoriais e não estão preparados ou não gostam de lidar com alunos que recorrem à contestação como forma de expressão e a escola passa a ser um local de confronto ativo, onde os alunos resistem a valores que se opõem aos seus, aos do seu grupo, dando origem ao que se denomina de contracultura.

O desenvolvimento social do aluno e sua formação integral passaram, pois, a ser prioridades no cotidiano escolar, trazendo mudanças à relação professor-aluno, e à visão do que é escola hoje, e da própria noção de indisciplina, e de suas implicações e sentidos.

Sendo assim é relevante tentarmos conhecer as perspectivas dos alunos sobre a indisciplina escolar, pelo fato de que, ao falarem, os alunos ressaltarão aspectos do conceito, das causas e dos envolvidos com a indisciplina, dos possíveis encaminhamentos e das intencionalidades que estão por detrás das expressões de indisciplina, sendo capazes de mostrar a relação entre as expressões e as razões da indisciplina na escola.

2.5 POLÍTICAS PÚBLICAS

A violência é um fenômeno e um tema que atinge todas as instituições sociais. Por esse motivo vem ser alvo de atenção e estratégias das políticas públicas, para amenizar esse problema social. Quanto à violência escolar, é de grande interesse identificar, nas políticas públicas em relação à temática da violência, a sua representatividade no ambiente escolar e quais as práticas educativas feitas pela instituição escolar para prevenir envolvendo alunos.

A política pública é uma intervenção do Estado na realidade social, com instrumentos públicos ou determinações administrativas no sentido de atender necessidades sociais, interesse de grupo. Sabendo-se que é o Estado implantando um projeto de governo, por meio de programas e ações voltadas para setores específicos da sociedade. Para Rua (1998) políticas públicas são:

“conjunto de decisões e ações destinadas à resolução de problemas políticos. Essas decisões de ações envolvem atendimento político, compreendida esta com conjunto de procedimento formais e informais que expressam relações de poder e se destinam á resolução pacífica de conflitos quanto a bens públicos”. (RUA, 1998, p.731).

A educação é entendida como uma política pública social de responsabilidade do Estado entende-se que o combate à violência escolar necessita da participação efetiva de toda comunidade escolar, família e sociedade, e cabe aos poderes públicos articular as contribuições, realizar os estudos e formular políticas públicas para atuar caso não exista práticas educativas, que não pode ser reduzida às ações de responsabilidade unicamente do professor e não ocorre somente em sala de aula, não pode interferir no processo de ensino.

Segundo Nélisse (1997, p.17-24, apud PRIOTTO), a prática educativa, pode ser definida como um “fazer ordenado”, voltado para o ato educativo, ou seja, uma ação eficaz que exige um momento de planejamento, um momento de interação, um momento de avaliação e finalmente a reflexão crítica e o planejamento dessas ações.

A ação não pode ser tratada como atividade restrita em sala de aula, á pratica educativa não precisa ser de exclusividade na sala de aula, pode ser desenvolvida em qualquer lugar onde se proponha a produção do saber mediada pela linguagem, portanto não é característica única da escola. Na elaboração das práticas educativas para o combate a violência na escola, necessita focar em valores humanos como ética, respeito e tolerância. Essas práticas se desdobram em algumas ações educativas como, a psicologia, o social, o cultural e a política.

2.6 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

A formação profissional é um ponto importante dentro desse tema de violência, pois ela dá embasamento para o profissional pensar a respeito do que está acontecendo, levando em conta os estudos que teve durante sua formação.

Nesse sentido, falamos sobre a profissionalidade “é um termo significante dos atributos de uma identidade profissional” (MONTEIRO, 2005, p.12). Seu desenvolvimento se dá por meio da formação. Esta formação acontece como mostra Veiga (2008, p.15) “a formação de professores constitui o ato de formar o docente, educar o futuro profissional para o exercício do magistério”. Devendo estar contida na mesma os conhecimentos necessários ao exercício da profissão. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu artigo 62, prevê que

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal.

No entanto, apenas a formação inicial não daria conta de fornecer todos os conhecimentos necessários ao exercício da docência, visto que a educação se encontra em constante mudança, sendo assim caberia aos profissionais da área buscar o que chamamos de formação continuada.

Segundo Libâneo (2001, p.21), formação continuada pode ser compreendida como “o prolongamento da formação inicial visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho, e ao desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional”. Esta por sua vez deve atender as demandas do professor e não uma imposição da Secretária de Educação.

Está formação deve contemplar os deveres dos professores, alguns deles como colocado na Lei 9.394/96, em seu artigo 13, incisos I, II, III e IV coloca:

Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; zelar pela aprendizagem dos alunos; estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento.

Nesse sentido, os profissionais da educação não são meros instrutores, eles exercem um papel importante na formação dos seus alunos e por consequência na formação da sociedade. Como afirma Monteiro, “a sua função não está circunscrita aos objetivos da sua

matéria de ensino. Concorre para a realização transversal dos objetivos comuns ao respectivo ciclo de estudos e dos fins gerais que devem inspirar toda a educação” (2005, p. 39).

Portanto, a formação desse profissional, principalmente a formação inicial deve ser uma formação mais sólida, fornecida por órgão competente e não feita de todo jeito como vemos atualmente. Como diz (Silva; Castro, 2008, p.5) “a partir da implantação dos acordos MEC/USAID, em 1968, a profissão docente veio perdendo sua identidade. Esta reforma alterou substancialmente a estrutura dos cursos superiores e, por consequência, o reconhecimento dos professores desse nível de ensino”.

Ou seja, cada vez mais foi permitindo as mais diversas modalidades de ensino, não que isso seja ruim, mas de certo modo acabou desvalorizando a profissão docente, por ser um curso de fácil acesso e que não necessita de muito tempo de dedicação, a consequência disso é uma formação precária.

Diante tudo que foi falado sobre a necessidade de uma boa formação inicial e como uma proposta de preencher as lacunas deixadas pela mesma, que a formação continuada viria, e no que diz respeito a violência escolar, nela estaria contida quais seriam as possíveis causas dessa violência, nesse estudo poderia se levar em conta as questões familiares, sociais e etc.

É nesse sentido, que a formação seria interessante e como é colocada partiria da necessidade dos professores. Visto que, a violência escolar infelizmente tornou-se presente na maioria das escolas.

2.7 TITULAÇÕES

Para justificar o desafio atual do professor de construir sua identidade profissional, é necessário que o docente esteja apto a lecionar um ensino que corresponda a formação do educando. Ensino este que é o fundamental dos anos iniciais e finais, citado no nosso trabalho.

Educação Física

Desde a sua chegada por volta de 1810, a Educação Física vem acompanhando mudanças sociais. Em contra partida dominada por visão higienista que propunha atividade física voltada para forjar um indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável ao desenvolvimento

da nação. Sendo assim associou-se a Educação Física à educação do físico, à instrução do corpo para o desenvolvimento da aptidão física.

Entre 1964 a 1980 (Ditadura Militar), a Educação Física teve caráter predominantemente esportista em que modalidades fossem trabalhadas de forma hegemônica em aulas escolares.

A Educação Física trata pedagogicamente de saberes relativos a movimentos corporais produzidos com intencionalidade em diversos contextos sociais e históricos, constituindo campo da Cultura Corporal. A LDB, Lei nº 9.394/96, em seu artigo 26, §3º, a entende como componente curricular obrigatório e deve estar integrada ao projeto político-pedagógico da escola, disponibilizando-se para um diálogo permanente com os demais componentes curriculares.

Para a formação integral do estudante nas dimensões afetiva, cognitiva, social e motora a Educação Física contribui como campo de conhecimento pedagógico ligado à cultura corporal. Podem ser compreendidas as práticas que constituem cultura corporal como o conjunto de danças, esportes, ginásticas, jogos, lutas, atividades rítmico-expressivas e outras intimamente ligadas a práticas sociais, construídas e reconstruídas no transcorrer da história humana.

O professor deve buscar equilíbrio entre objetivos na organização propostos do trabalho pedagógico, conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, visando atender o desejado desenvolvimento integral e consequente humanização do estudante.

A Educação Física tem muito a contribuir, não só por conceitos que fazem parte de seus conteúdos, mas também, pela conscientização sobre condições de vida e de direitos humanos com vistas ao bem-estar social, segundo a (OMS) Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua como “um estado de bem-estar físico, mental e social”.

Geografia

Inicialmente o estudo da Geografia era marcado pelo positivismo, sustentada em explicações objetivas e quantitativas da realidade, utilizando o discurso científico neutro; portanto, enfatizava a realidade objetiva entre o homem e a natureza. Nos dias de hoje a Geografia traz uma nova dimensão e é uma ciência que interpreta o espaço natural e humanizado, de acordo com transformações da dinâmica social, inspirada na realidade atual

para entender o mundo por meio de diversas apropriações de lugares, suas interações e suas contradições. Geografia é basicamente ler o mundo e construir cidadania.

É baseado em conhecimentos que promovam a compreensão de diversas categorias geográficas, como: espaço, lugar, paisagem, região e território. Então o ensino da Geografia faz com que o estudante possa compreender diversas interações do ser humano com a natureza de forma interdisciplinar e conhecimento para atuar conscientemente no espaço vivido.

Insere-se na perspectiva de compreensão ensinar e aprender Geografia do espaço geográfico como elemento e fruto de transformações tecnológicas, sociais e políticas que sempre impulsionaram tais modificações. Isso implica que a Geografia proposta não exclui o homem da centralidade de suas preocupações, bem como não o isenta das responsabilidades de suas ações.

Letras (Língua Portuguesa)

Através dos jesuítas foram feitas as primeiras experiências e registros de ensino da Língua Portuguesa, que a princípio o objetivo era a catequização da população indígena. Com a retirada dos jesuítas e a instituição do decreto de 1759, o ensino da Língua Portuguesa tornou-se obrigatório nas escolas brasileiras, mudando “as condições de produção do saber linguístico, privilegiando-se o estabelecimento do português como língua obrigatória” (BEREMBLUM, 2003, p. 66).

O ensino da Língua Portuguesa valorizava o estudo da gramática desvinculado de textos e de situações comunicativas, até meados do século XX. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1997, passaram a atender novas demandas curriculares provenientes de um contexto de reestruturação política, econômica e social do país.

A análise linguística nas séries/anos finais do Ensino Fundamental compreende reflexões sobre o uso da língua na produção de discursos, com o objetivo de promover interação entre os sujeitos em diversas situações comunicativas, possibilitando posicionamentos como cidadãos críticos. Além disso, considera as atividades metalinguísticas, semânticas e pragmáticas, de modo que estudantes se apropriem de instrumentos para identificar unidades e compreender relações entre essas em um determinado contexto.

Sendo assim, diante das demandas sociais contemporâneas e das políticas públicas de educação em vigor, o ensino de Língua Portuguesa deve estar vinculado a Eixos Transversais que fundamentam todo o Currículo da Educação Básica do Distrito Federal, a saber: Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos, Educação para a Sustentabilidade.

História

O componente curricular História começou a ser ensinada na primeira metade do século XIX, ela tinha a preocupação de construir a origem histórica da nação. Depois com a criação do colégio Pedro II, em 1837, o ensino de História tornou-se obrigatório, pautado em estudos voltados para o pensamento clássico e humanístico, inspirado no modelo francês, objetivando a formação de cidadãos proprietários e escravistas (PCN, 2001).

No ensino tradicional, compreendido pelo período de 1837 a 1970, era prática comum a memorização de datas e nomes de personagens considerados os mais significativos da História, a partir de uma metodologia técnica que desconsiderava a reflexão sobre os fatos.

O ensino de História ficou por um tempo voltado para a memorização de datas, com o advento da nova educação, ela passa a incentivar reflexões sobre relações entre o passado e o presente, em espaços locais, regionais e mundiais possibilita ao aluno ampliar a compreensão de sujeito histórico e crítico, que tem autonomia para organizar estratégias de intervenção na realidade diante de questões sociais, políticas individuais e coletivas.

Sendo assim, esse novo currículo proporciona aos alunos uma formação cultural ampla, que pode dar ao mesmo embasamento crítico para as situações do ambiente. Ou seja, esse novo currículo permite a criticidade, ensina o aluno a pensar e ir além.

O ensino de História tem como eixos transversais: Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos, Educação para a Sustentabilidade se articulam e perpassam a construção de conhecimentos históricos. Esses eixos querem contribuir significativamente para a formação multidimensional do estudante com vistas à transformação da realidade social vivida.

Matemática

Há tempos a Matemática é conceituada como ciência de padrões, de rigor e de exatidão, resultando em um componente relacionado somente à memorização de números, de fórmulas, de relações e de medidas. Nas décadas de 1960/1970, após a Segunda Guerra Mundial, em função do Movimento da Matemática Moderna teve o propósito de unificar os três campos fundamentais da Matemática: Aritmética, Álgebra e Geometria, dando ênfase a aspectos estruturais e lógicos da Matemática, pois se acreditava em um progresso científico e tecnológico da nova sociedade industrial e num currículo escolar vigorando no desenvolvimento e disseminação de ideias modernistas (PCN, 1998).

Nos dias atuais foram ampliados os conceitos referentes à Matemática em função de promover a formação do cidadão crítico, desenvolver capacidades de estruturação de pensamentos funcionais e relevar às aplicações na vida prática e na resolução de problemas de diversos campos de atividade.

O ensino da Matemática considera a formação de capacidades intelectuais e funcionais como base da formação integral, possibilitando a articulação da disciplina com outras áreas do conhecimento no que se refere à multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. É necessário articular conceitos matemáticos com a vida diária dos estudantes, pois a aprendizagem, segundo Maturana e Valera (2001), constitui um fenômeno interpretativo da realidade na construção, reconstrução e desconstrução de conceitos, priorizando autonomia e reflexão da e na sociedade.

Assim, ensinar e aprender Matemática considera a criticidade, participação e solidariedade, visando a uma educação humanística e integral. Portanto, pensar em currículo de Matemática na atualidade é estabelecer estratégias para a ação educativa, integrando processos que envolvam objetivos educacionais, conteúdos e procedimentos metodológicos, sem esquecer as aprendizagens.

Essas reflexões estão fundamentadas no trabalho coletivo, que deve considerar estudos e ações que promovam Educação para a Cidadania, Educação para a Sustentabilidade, Educação para a Diversidade e Educação para e em Direitos Humanos, permitindo a construção de conhecimentos necessários ao desenvolvimento da integração social e formação para o pleno exercício de direitos e deveres do estudante.

Enfermagem (Ciências Naturais)

As decisões curriculares em meados dos anos de 1960 eram de responsabilidade do Ministério da Educação e Cultura. Com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) quem passa a fazer os materiais didáticos e a fornecer formação para os professores, bem como serem responsáveis pelo currículo, é um grupo de professores da Universidade de São Paulo. A partir de 1960 o ensino de Ciências no Brasil passou a ter como objetivos essenciais a aquisição de conhecimentos atualizados e representativos do desenvolvimento científico e tecnológico, bem como vivência de processos de investigação científica.

E depois, equipes pedagógicas passaram a atualizar esses currículos. Visto que, a sociedade sofre transformações e a educação se transforma a partir dessas mudanças, ou em função delas. Baseado nos PCN (1998), este componente curricular tem como objetivo no ensino fundamental a compreensão da natureza como um todo dinâmico e o homem como agente transformador de sua realidade; da ciência como um processo de produção de conhecimento, portanto, uma atividade humana associada a aspectos sociais, históricos, políticos, econômicos, culturais e ainda a compreensão da relação entre conhecimento científico e tecnologia e como essa relação pode modificar condições de vida da sociedade moderna.

É importante perceber que este currículo contempla adaptações a realidade de cada contexto social. Outra questão importante, é que este ensino tem como base a iniciação científica que contribuirá para a formação Integral do estudante, buscando assim romper com o senso comum. Não podemos esquecer-nos dos professores, estes que são peças fundamentais, sendo assim a formação continuada do educador é imprescindível para atualizar e produzir o conhecimento científico. Em um mundo dominado pela tecnologia e repleto de informações, é necessário que o educador seja mediador do processo, por meio de suas intervenções, reconhecendo necessidades dos estudantes, sua realidade, considerando-o como ser pensante capaz de agir na sociedade por meio da compreensão do mundo e de suas transformações, bem como contribuir com a produção de conhecimento científico.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Tipo da Pesquisa

De acordo com o objetivo de estudo desta pesquisa, que foi analisar as causas que promovem a violência dentro da escola, o tipo de pesquisa quanto aos objetivos, foi a descritiva, quanto aos procedimentos, a pesquisa foi de campo e bibliográfica onde foi utilizado como método para a coleta de dados, um questionário.

A pesquisa descritiva baseia-se numa investigação que necessita de uma série de informações sobre determinada pesquisa. O uso de técnicas padronizadas de coleta de dados (questionários e observação sistemática) são os fatores que auxiliam e levam ao pesquisador o conhecimento dos fatos. Observar os fatos registrados interpretá-los, analisá-los, classificá-los e sem a interferência do pesquisador. Segundo Silva & Menezes (2000, p.21),

A pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento.

Nosso trabalho utilizou pesquisa bibliográfica, sabendo que esse levantamento ou revisão bibliográfica é um trabalho minucioso, pois envolve atenção e requer muito cuidado na seleção dos textos e autores que trabalham com o tema proposto. Fonseca (2002, p.32), diz que a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.

Optamos pela pesquisa bibliográfica, pois como fala Boccato (2006, p.266),

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

É através da pesquisa bibliográfica que além de buscar resolução ao problema apresentado, também trará embasamento para os resultados da nossa pesquisa de campo. A

pesquisa de campo que é um dos tipos de pesquisa bibliográfica, no qual buscamos junto a pessoas realizar coleta de dados que possam reforçar o nosso tema (FONSECA, 2002).

Por isso, nos propomos a ir a campo, ou seja, ir pesquisar junto aos professores que são uns dos principais interessados no assunto, pois como diz José Filho (2006, p.64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”.

A pesquisa é de campo segundo afirma Vergara (2000), quando se coleta dados do local onde se realizou a pesquisa. É sentindo essa necessidade de dialogar com a realidade vivida por esses profissionais de educação que nos propusemos usar a pesquisa de campo. E vamos aproximar também da realidade de nossa cidade, pois estamos uma escola da cidade de João Pessoa, assim, procuramos investigar as causas desse tipo de violência.

Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa, onde possibilita um contato direto e constante com os participantes da pesquisa, dando oportunidade para a realização de uma coleta de dados descritiva. A pesquisa qualitativa preocupa-se com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Para Minayo (2001),

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador. (p. 14).

Pesquisadores que adotam a pesquisa qualitativa buscam explicar o porquê das coisas, preocupam-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. De acordo com Michel (2005), este tipo de pesquisa é mais utilizado e necessário nas ciências sociais, onde o pesquisador participa, compreende e interpreta.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

A escolha da escola se deu por já ter estagiado uma vez e também por ser foco do tema de nosso trabalho. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Dehon, localizada na Rua Carneiro da Cunha s/n, no bairro da Torre, em João Pessoa, existente desde 05 de novembro de 1942, localizada em zona urbana e dependência administrativa estadual. A escola funciona nos três turnos oferecendo: Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, ciclo I e II (fundamental anos iniciais), ciclo III e IV (fundamental anos finais) e ciclo V e ciclo VI (ensino médio da EJA). A faixa etária é de 8 a 14 anos para o turno diurno e a partir de 15 anos para o turno noturno da EJA.

A escola ainda conta com projetos para melhorar o desenvolvimento dos alunos e conscientizá-los tanto educacionalmente quanto socialmente, os projetos são:

- Família e Escola: uma relação necessária;
- Horta Escolar: Cultivar, cozinhar e consumir;
- Leitura;
- Por uma cultura de paz: Resgatando os valores humanos na escola
- Projeto Liderança: Exercitando o protagonismo juvenil

As turmas se apresentam como mistas e ainda tem alunos fora de faixa etária por serem remanescentes da escola com reprovações. Através de informações colhidas nas fichas individuais dos alunos, têm-se os seguintes resultados: a maior parte dos alunos reside no próprio bairro da Torre; a idade dos pais predomina entre os 20 e 40 anos; a escolaridade das famílias se encaixa entre os anos iniciais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio incompleto; apresenta diversidade religiosa, predominando os católicos e evangélicos e são famílias com 1, 2, 3 ou de 4 filhos.

As famílias que procuram a escola para ingressar seus dependentes, segundo o levantamento, são, na maioria, trabalhadores assalariados de baixa renda, dependentes do Programa Bolsa Família. A clientela do turno diurno é constituída por crianças e adolescentes na faixa etária de 6 anos e 6 meses a 16 anos. Os mesmos, em sua maioria, são filhos de profissionais com subempregos.

Possuem baixo poder aquisitivo e vivem principalmente de subemprego (pedreiros, pintores, mecânicos, faxineiros, jardineiros, feirantes, motoristas, manicuras, cabeleireiros, empregadas domésticas, lavadeiras, faxineiras, etc.), tendo uma renda que varia de meio a um

e meio salário mínimo, embora exista uma pequena parcela que possui renda melhor, como funcionários públicos, pequenos comerciantes etc.

Em sua grande maioria, residem próximo da escola ou em comunidades vizinhas como: São Rafael, Padre Hildon Bandeira, Tambauzinho, Tambiá, além de bairros distantes como Mandacaru e Valentina. O corpo discente noturno é formado por jovens e adultos, acima de 15 anos, os quais são, em sua maioria, já trabalhadores e arrimos de família, também enfrentam dificuldades nos estudos por chegarem cansados a sala de aula após uma jornada diária de trabalho. Próxima à escola existem outras instituições públicas educativas estaduais e municipais, que também atende a população carente.

A dependência da instituição é composta de: diretoria, secretaria, biblioteca, auditório, sala de equipe técnica, sala dos professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de aula, sala de vídeo, cozinha, banheiros, almoxarifado e um pequeno pátio coberto. A infraestrutura do local conta com 35 funcionários no total, sendo 23 professores, 190 alunos e 6 salas de aulas.

3.3 UNIVERSO DA PESQUISA

A escola é composta por uma rede de 35 funcionários, dentre estes, os sujeitos da pesquisa serão os professores da escola alvo. O questionário será aplicado junto a 6 professores do ensino fundamental dos anos iniciais e finais e com a coordenadora.

3.4 INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foi utilizado o questionário misto, com perguntas fechadas e abertas, podendo ter inúmeras perguntas, o pesquisador determina tamanho, natureza e conteúdo do questionário. O questionário de perguntas fechadas apresenta categorias ou alternativas de respostas fixas, quem elabora o instrumento deve lembrar que existem perguntas naturais ou universalmente aceitas como o nível de escolaridade que atua, ou se já sofreu violência na escola, perguntas que medem opiniões, motivos, fatores não devem fechar-se totalmente.

Pergunta aberta usa-se quando o pesquisador não está familiarizado com o assunto e não pode antecipar as respostas, perguntas abertas dão possibilidades de serem respondidos com mais liberdade, abrindo possibilidades para justificar perguntas como, quais ações implementadas pela escola para alertar sobre o fenômeno da violência. De acordo com Marconi & Lakatos (1999, p. 100), o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito.

3.5 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados da pesquisa foi realizada a partir de um questionário misto, visando coletar informações sobre o assunto, bem como levantar dados, onde foram coletados qualitativamente com teorias para embasar e dar suporte a cada questão feita. Para analisar as perguntas, foram construídas partindo do tema violência, na escola alvo da pesquisa, foram eleitos como participantes da pesquisa 6 professores do ensino fundamental dos anos iniciais e finais e com a coordenadora.

Durante o período de coleta de dados cada participante da pesquisa recebeu um questionário, tendo como objetivo responder ao mesmo que continha 6 perguntas mistas a respeito do tema de estudo deste trabalho.

É importante ressaltar aqui que os quesitos 1, 2, 4 e 5 foram de caráter objetivo e os demais abertos, ou seja, subjetivo/qualitativo tanto para os professores quanto para a coordenadora, com o intuito de trazer aos participantes a oportunidade de expor suas ideias e se manifestarem acerca da violência dentro da instituição em que trabalham.

3.5.1 Resultados e análise dos professores

A primeira pergunta que foi feita aos professores, procurava informações para traçar o perfil dos sujeitos da pesquisa, tendo como foco dados relativos à titulação, tempo de serviço e tempo de atuação na escola. Observando a tabela 1 abaixo, verificamos que todos os professores possuem curso de graduação, nas áreas de conhecimento em: Educação Física, Geografia, Letras, História, Matemática e Enfermagem.

Tabela 1-Perfil dos sujeitos da pesquisa

Formação	Especialização	Tempo de serviço	Tempo de atuação
Educação Física	Ed. Infantil e seus desvios	22 anos	5 meses
Geografia	Mestrado em Geografia	4 anos	4 anos
Letras	Não tem	4 anos	4 anos
História	Não tem	5 anos	8 meses
Matemática	Não tem	3 anos	3 anos
Enfermagem	Não tem	31 anos	15 anos

Fonte: Dados levantados na escola alvo da pesquisa em julho de 2016

Com relação à Pós-Graduação, um possui Curso de Especialização e outro de Mestrado. Os demais, apenas possuem a Graduação. O tempo de serviço dos professores, apresenta uma variação de 3 a 31 anos e o tempo de atuação na escola, varia de 8 meses a 15 anos.

O segundo dado a ser coletado foi referente aos anos de escolaridade em que os professores atuavam, com o número de alunos por sala e a faixa etária aproximada. De acordo com a tabela 2 abaixo, podemos perceber que os anos de escolaridade em que os mesmos trabalhavam eram os anos iniciais (professor de Educação Física e Enfermagem) e finais do Ensino Fundamental, tendo o número mínimo de 10 alunos e o máximo de 28 alunos por sala e com uma faixa etária de 10 a 17 anos.

Levantamos esses dados com professores que atuavam nos anos finais do Ensino Fundamental (local onde nós, pesquisadoras do Curso de Pedagogia, não podemos atuar em sala de aula, como professoras), porque somos preparadas para atuar nas funções de Gestora, Supervisora e Coordenadora Pedagógica.

Tabela 2-Campo de atuação dos professores

Ano de escolaridade	Nº de alunos por sala	Faixa etária aprox.
Ed. Física: anos iniciais e finais	20 alunos em média	10 a 16 anos
Geografia: anos finais	15 alunos	11 a 17 anos
Letras: anos finais	15 alunos	13 anos
História: anos finais	15 alunos	12 a 14 anos
Matemática: anos finais	10 alunos	12 anos
Enfermagem: anos iniciais e finais	28 alunos	10 a 16 anos

Fonte: Dados levantados na escola alvo da pesquisa em julho de 2016

O Ensino Fundamental tem caráter obrigatório e se traduz como um direito público subjetivo de cada um e como dever do Estado e da família na sua oferta a todos. Os objetivos dessa etapa de ensino, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, devem assegurar aos estudantes o acesso ao conhecimento e aos elementos da cultura imprescindíveis para a vida em sociedade e os benefícios de uma formação comum, independentemente da grande diversidade da população escolar.

Especialmente em relação aos anos finais do Ensino Fundamental, os objetivos educacionais estão pautados na compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes, da cultura e dos valores em que se fundamenta a sociedade; no desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; e nos conhecimentos que constituem os componentes curriculares obrigatórios.

O terceiro dado que foi coletado, incidiu no foco do tema do trabalho: a violência na escola. Perguntamos se os professores já haviam sofrido algum tipo de violência verbal em sala de aula ou fora dela. Não nos surpreendeu o resultado demonstrado na tabela 3 abaixo, por estarmos vivendo num momento em que há bastante tolerância em relação ao fato. Os dados demonstraram, estatisticamente, que 66,6% respondeu que sim, que já sofreu violência verbal e 33,3% respondeu que não, mas não estão livres de que o fato não venha a ocorrer.

Tabela 3 - Se já foi alvo de violência verbal

Violência verbal	Quantidade	Porcentagem
Sim	4	66,6%
Não	2	33,3%
Total	6	100%

Fonte: Dados levantados na escola alvo da pesquisa em julho de 2016

Nesta terceira questão, pedimos aos professores que caso tivesse sido agredido, quem o agrediu e o motivo. E apenas 3 deles justificaram suas respostas, que foram:

- Um aluno do 6º ano faltou com respeito, falando palavrão;
- Um aluno, porque tirou nota baixa;
- Uma aluna, ao pegar uma prova em que a mesma estava colando.

A violência verbal é uma forma de agressão direta sem uso da força física, as palavras de baixo calão popularmente conhecida por palavrão é um vocábulo que apresenta chulo, impróprio, ofensivo, rude, obsceno, agressivo ou imoral, e está presente no cotidiano dos alunos em relação aos professores e aos próprios alunos de forma geral.

Para Constantini (2004), “o bullying é um comportamento ligado à agressão verbal, física ou psicologicamente que pode ser afetada tanto individual como grupalmente”. As ameaças também consistem em aparecer nesses casos e são mais frequentes do que se possa imaginar, a ameaça é uma forma de obrigar uma pessoa a fazer o que não quer, é também uma forma de intimidar, pode ser praticada oralmente ou até mesmo em forma de gestos.

O aluno que age com violência verbal está sujeito a progredir um comportamento ainda mais violento que pode vir trazer sérios problemas, mas essa ação pode estar ligada a inúmeros fatores e a relação com os pais é o ponto principal para entender esse comportamento e/ou combatê-lo.

Hoje na nossa realidade, com a nossa tecnologia todos temos acesso a muitas informações e às vezes elas podem chegar ao nosso conhecimento de uma forma nociva ao comportamento, ou no próprio cotidiano entre pais e filhos, os filhos que sofrem violência verbal ou física tem a chance de agir assim na escola com os alunos, professores e os demais personagens inseridos neste ambiente ou em qualquer outro lugar, o achar que ato de gritar, ofender, bater, constranger de alguma forma irá resolver, pode está despertando a violência

neste indivíduo, quando temos o diálogo que é onde podemos entender o que de fato está acontecendo, além de ser apropriado.

Para Telles (1996) “é nesse terreno da sociabilidade, negada que talvez se tenha uma chave para compreender as relações entre violência e cidadania” (p.108).

Para saber quais as causas da violência na escola, listamos sete possibilidades e obtivemos os resultados retratados na tabela 4 abaixo.

Tabela 4- Causas da violência na escola

Causas da violência	Quantidade	Porcentagem
Maus tratos em casa	3	17,64%
Criação sem limite doméstico	6	35, 29%
Influência de filmes e jogos	0	0%
Privação de alimentos	1	5, 88%
Pais desempregados	1	5, 88%
Uso de drogas	3	17,64%
Carência afetiva	3	17,64%
Total	17	100%

Fonte: Dados levantados na escola alvo da pesquisa em julho de 2016

Esta quarta tabela, sobre as causas da violência nos alunos, a criação sem limites domésticos é mais marcada, a boa relação entre pais e filhos é importante para uma boa relação entre aluno professor ou se houver algum problema essa boa relação é importante para que o indivíduo possa refletir e entender a importância do professor e o quanto sua presença é necessária em suas vidas, na pesquisa o item de maus tratos em casa, carência afetiva e o uso de drogas aparecem em segundo lugar empatados, maus tratos em casa, e a carência afetiva assim como criação sem limites domésticos necessita de uma boa relação entre pais e filhos, o uso de drogas pode ser uma forma de chamar a atenção, pode ser uma curiosidade e vir a se agravar conforme a continuidade desse ato.

Segundo Silva (2004), alguns fatores como carência afetiva, falta de cidadania e modelos positivos, podem contribuir para que as crianças e adolescentes cometam violência e se transformem em criminosos.

A privação de alimentos e os pais desempregados aparecem com um número menor, mas temos que voltar os olhos para essa questão também, até porque existem alunos que o maior incentivo de ir pra escola é se alimentar com a merenda, a influência de filmes e jogos não foi marcado, mas filmes e jogos fora da faixa etária podem trazer sérios problemas, filmes violentos podem mudar o comportamento dos alunos, despertando ou alterando nas suas personalidades.

Na quarta questão trouxemos as principais causas da violência dos alunos na escola e teve destaque com 35,29% a criação sem limites domésticos, muitas vezes os pais agem de forma errada e não podem imaginar os sentimentos que podem vir a despertar nos seus filhos, o que é muito importante para sua vivência não só na escola como em qualquer local onde aconteça de ser repreendido ou punido, a reação pode não ser a esperada, uma pessoa que sofre violência, pode ser violenta sim, mas também pode ser submissa, amedrontada, e sofrer por ser alvo da prática desse fenômeno, maus tratos em casa, uso de drogas e carência afetiva estão juntos empatados no segundo mais marcado, com 17,64% e de uma forma geral está associada a criação dos pais ou responsáveis o que nos leva mais uma vez a voltar os olhos para as atitudes dos pais, conversar, sondar, e tentar entender o que está levando o comportamento dos filhos a ser violento é uma melhor saída do que agir com gritaria ou agressões. Para GOMIDE (2006), algumas práticas educativas familiares reduzem riscos e outras aumentam a probabilidade de comportamentos antissociais.

Outro dado relevante para a nossa pesquisa como futuras pedagogas, foi ter conhecimento de como a escola se envolvia nas questões de violência, no dia a dia. Demos cinco possibilidades com indicações de atitudes e deixamos uma opção em aberto para outro tipo de atitude não mencionado. Como mostra a tabela 5 abaixo, ninguém acrescentou outra possibilidade.

Tabela 5: Atitude da escola diante da violência

Questão Analisada	Quantidade	Porcentagem
Reúne o corpo docente para discutir o assunto	3	20%
Chama os pais para uma conversa	6	40%
Informa ao Conselho Tutelar	4	26,6%

Evita confronto com o aluno	0	0%
Promove o diálogo e valoriza os esforços e conquistas do aluno	2	13,3%
Outros	0	0%
Total	15	100%

Fonte: Dados levantados na escola alvo da pesquisa em julho de 2016

Nesta quinta tabela, com relação a atitude da escola diante da violência, a que mais foi marcada como se vê, chama os pais para uma conversa com 40% e logo em seguida as duas mais marcadas, reúne o corpo docente com 20% e informa ao Conselho Tutelar, ambas com 26,6%. A violência está relacionada a vários motivos e precisa sempre ser colocada em discussão para que assim diminua o fenômeno e busque alguma solução. De acordo com Viana (2002):

Entender a violência exige conhecimento de suas causas, torna-se imprescindível, no campo da educação, fazer o levantamento da situação atual de forma a contribuir com o corpo gestor escolar, em particular, e com a sociedade em geral, na verificação dos problemas relacionados com a violência e na viabilidade de possíveis soluções.

A escola tem o papel fundamental nessas horas de dialogar, conversar e buscar fazer o certo, não fingir que nada aconteceu e varrer para debaixo do tapete como em muitas instituições acontecem tal fato. Professores podem montar estratégias que despertem o interesse de seus alunos, fazendo com que os mesmos se motivem e se ajudem. Buscando assim novas possibilidades e saberes na sala de aula.

Chamar os pais para uma reunião para mostrar o desenvolvimento e rendimento de seus filhos, fazer com que eles se mostrem mais presentes na vida escolar destes, para que assim participem e interajam conhecendo mais seus filhos.

Apesar de nenhum dos 6 entrevistados terem marcado a opção “evita confronto com o aluno”, esta é uma importante atitude diante da violência, pois ao se revidar a tal ato, a relação é toda comprometida tanto para o professor quanto ao aluno agressor. É importante que o mesmo conheça este aluno investigando as causas que levaram para que ele agisse assim. Muitas vezes são fatores emocionais.

Logo em seguida, o Conselho Tutelar também é uma boa alternativa para casos como esses de violência, conforme afirma Jairo Pessoa que é um conselheiro tutelar:

“é um órgão público encarregado pela população de zelar pelos direitos das crianças e adolescentes. Ele tem a função de mediar conflitos para que o caso não tome medidas extremas e o adolescente tenha a oportunidade de reparar seus erros e seguir, gozando de seus direitos e cumprindo seus deveres para o desenvolvimento pleno enquanto ser humano”.

Com relação a atitude da escola diante da violência, os professores da escola, responderam dentre as alternativas propostas, com maior evidência e destaque para a opção chama os pais para uma conversa, levando 6 votos. Sabe-se que os alunos passam a maior parte do tempo na escola do que em casa, então, o papel fundamental da escola é proporcionar um ambiente tranquilo e harmonioso, fazendo com que os pais participem cada vez mais da vida escolar, muitos professores questionam este ponto, da ausência nas reuniões.

Os pais acham que é obrigação do professor ou da escola dar limites aos seus filhos, esquecendo que eles mesmos são uma parte fundamental na educação destes. O mais correto é haver uma união entre ambas as partes, para que assim aconteça e faça fluir ideias acerca de melhorar a violência na instituição.

Como último dado a ser coletado, perguntamos se a escola oferece suporte para lidar com a violência. Como resultado, a tabela 6 abaixo, demonstrou que de fato a escola está preparada para enfrentar os desafios postos pela violência, quando 83,3% assinalou que sim, a escola oferece suporte para lidar com o tema em estudo.

Tabela 6- A escola oferece suporte para lidar com a violência

Questão Analisada	Quantidade	Percentagem
Sim	5	83,3%
Não	1	16,6%
Total	6	100%

Fonte: Dados levantados na escola alvo da pesquisa em julho de 2016.

Nessa última questão, pedimos que justificasse a resposta, e dos 5 que responderam, apenas 4 justificou sobre o suporte oferecido na instituição. Que foram:

- Apoio pedagógico atuante;
- Procurar o Conselho Tutelar, os pais ou autoridades competentes, com o intuito de resolver os problemas;
- Em conjunto com a família é um espaço que permite trabalhar essa questão;
- Através de reuniões com os pais, professores e Conselho Tutelar.

Como se percebe nas falas dos próprios professores da instituição em que trabalham, existe esse suporte. Deve-se conhecer como anda e funciona a escola com relação a essas questões de violência, o que anda acontecendo bem como o que passa despercebida. Diagnosticar a instituição e aí sim, agir de forma a combater o fenômeno.

É muito importante as escolas oferecerem um apoio para lidar com essas questões de conflito nos dias de hoje, pois a violência está tomando conta cada vez mais em diversos lugares e com uma proporção enorme. A comunidade tem que estar sempre inserida, participando e ajudando no combate, para juntos achar uma melhor forma de promover uma paz no ambiente escolar.

De acordo com BARROS, em seu artigo publicado na Revista “Brasil Escola”, levar esse tema para a sala de aula desde as séries iniciais é uma forma de trabalhar com um tema controverso e presente em nossas vidas, oportunizando momentos de reflexão que auxiliarão na transformação social.

Devem existir ações educativas para alertar e diminuir o fenômeno, em que toda a equipe participe alunos, professores bem como a comunidade. Através de oficinas, reuniões, peças teatrais, vídeos, leituras, filmes, dentre outras ações. Com essas ações educativas, os professores devem passar confiança para que seus alunos sintam-se livres e preparados para lidar com temas como esses e para que mais tarde tornem-se cidadãos do bem, capazes de lidar e vencer desafios e problemas.

Mais uma vez, nota-se a importância que a família tem no processo escolar, é imprescindível que ela esteja presente, atuando, dando opiniões e participando. Escola, toda comunidade e os pais dos alunos devem colocar em pauta a problemática da violência e suas causas. Não é só uma responsabilidade da escola, mas de toda a comunidade melhorar o ensino e garantir assim um futuro melhor para seus filhos.

Professores tem que saber inovar suas aulas, garantindo uma aprendizagem significativa a seus alunos. Como diz Freire (1996, p. 21) “por isso é que, na formação

permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Ter um bom “jogo de cintura”, usar e ousar da criatividade, sem deixar de lado o momento de refletir nestas aulas sobre uma forma de contribuir para diminuir este fenômeno da violência, pois é isso que irá tornar mais ainda eficiente, a sua prática. E agindo assim, vão buscar uma postura firme e crítica levando a resultados satisfatórios tanto para sua prática docente quanto para seus alunos.

3.5.2 Resultado e análise da coordenadora

A aplicação do questionário feito com a coordenadora da escola foi igual ao aplicado com os professores, porém numa visão mais ampla. Como primeira pergunta, sua titulação, a mesma respondeu que tem Licenciatura em Psicologia, atuando na área de Psicologia Educacional e Jurídica. Seu tempo de serviço é de 26 anos e tempo de atuação na escola é de apenas 1 mês.

Importante destacar e comentar que ao decorrer de suas respostas, percebe-se que ela se dedica e gosta do que faz se preocupa com a sua formação e com os problemas da instituição. Já tem muito tempo de trabalho, arquivando bastante experiência, e nos deixando surpresas por estar com pouco tempo trabalhando nesta escola, a sua visão e percepção com relação aos alunos e acerca do tema é mais ampla e completa do que os próprios professores que convivem na sala de aula.

A segunda pergunta feita foi o nível de escolaridade em que atua, a mesma afirma que é ensino fundamental dos anos finais, e por ser coordenadora pode atuar neste nível de escolaridade, a terceira pergunta com relação à forma como ela percebe a entrada dos alunos na escola, nesta questão observa-se que sua resposta é diferente das dos professores, a mesma relata que eles entram agitados e alheios ao ambiente escolar.

Perguntamos também sobre as causas da violência nos alunos da escola, segundo ela são os maus tratos em casa, criação sem limite doméstico, carência afetiva e a opção outros, onde ela respondeu que o próprio ambiente escolar nas suas estruturas físicas e organizacional favorece o fenômeno da violência. Aproximando-se das respostas dos professores.

Na quinta pergunta, com relação a atitude da escola diante da violência, foram marcadas as opções reúne o corpo docente para discutir o assunto, chama os pais para uma conversa e promove o diálogo e valoriza os esforços e conquistas do aluno. Também muito parecida com as respostas dos professores.

E para finalizar, com uma pergunta aberta, onde ela podia se expressar, sobre a escola oferecer suporte para lidar com a violência e justificar a resposta, a coordenadora respondeu que a escola não tinha este suporte, já entrando em impasse com as dos professores, ela respondeu que a escola precisa proporcionar mais espaços para formação dos profissionais, bem como as condições adequadas para implementação de ações educativas que minimizem o fenômeno.

Pudemos observar com estas declarações, que a coordenadora é justa e sincera para com a realidade e nas suas respostas, pois não adianta somente reclamar e ficar de braços cruzados, se cada um fizer sua parte, um mínimo que seja as coisas começam a mudar.

Deixa bastante claro que sente prazer no que faz, sentindo-se livre para atuar e ajudar dentro da escola. Ela está em busca de resultados significativos para a escola, busca essa que atenda às necessidades tanto dos alunos quanto da instituição, acreditando que os profissionais da educação criem práticas pedagógicas que incluam a violência, alertando assim a todos.

A hierarquia educacional brasileira corresponde-se em redes de ensino que garantem o perfeito encaixe do trabalho de supervisor, diretor e coordenador pedagógico, a formação do curso de Licenciatura abrange esse espaço nas redes de ensino, possibilitando a atuação nesse grupo de gestão também conhecida por “trindade pedagógica”. Trabalho este que garante o bom andamento da escola e a aprendizagem dos alunos.

Nesta trindade, cada personagem, supervisor, diretor e o coordenador, têm uma função e obrigação a serem cumpridas. Libâneo (2007) afirma que o curso de Pedagogia, que constitui a formação inicial do pedagogo no Brasil, deve formar um profissional qualificado para atuar em vários campos que envolvam conhecimentos pedagógicos.

Ou seja, estes campos de atuações não se limitam apenas nas salas de aulas ou escolas, estes profissionais devem ter um preparo e competência para atuar de acordo com as demandas sócio- educativas ocorrentes na sociedade.

O curso de Pedagogia é referência para formar o coordenador pedagógico, e apesar da LDBEN nº 9394/96 assegurar essa formação, o curso não se dispõe desse preparo para o

profissional. Para se entender melhor dessa trindade pedagógica e seu papel na escola, segue a finalidade de cada uma.

O coordenador pedagógico, responsável pela formação dos professores:

[...] em seu papel formador, oferecer condições ao professor para que aprofunde sua área específica e trabalhe bem com ela, ou seja, transforme seu conhecimento específico em ensino. Importa, então, destacar dois dos principais compromissos do CP: com uma formação que represente o projeto escolar [...] e com a promoção do desenvolvimento dos professores [...] Imbricados no papel formativo, estão os papéis de articulador e transformador”. (PLACCO; ALMEIDA; SOUZA, 2011, p. 230).

O diretor, responsável legal, judicial e pedagógico pela instituição e o líder que garante o funcionamento da escola. Para Teixeira (2003, p.6, apud NEVES, 2014) o diretor da escola é o principal articulador dos interesses e motivações dos diversos grupos envolvidos com a escola.

O supervisor educacional, representante da secretaria de educação, que dá apoio técnico administrativo e pedagógico as escolas. E dinamiza a implantação de políticas públicas. Conforme Côrrea (2009, apud RIBEIRO) fala dessa supervisão:

Etimologicamente, supervisão significa “visão sobre”: função de, ação ou efeito de supervisionar. Nesse sentido, aparece no cenário sócio- -político-econômico e educacional como função de controle, em que a racionalidade é o princípio que fundamenta a garantia da execução do que foi planejado. Para se chegar à origem da supervisão educacional, é necessário uma abordagem sobre a questão do trabalho no processo capitalista, pois, com o intuito de uma melhoria na qualidade e na quantidade da produção, nasceu na indústria a ideia de supervisão.

4 CONCLUSÃO

Com a realização desta pesquisa, foi possível entender que a violência numa escola estadual, onde foi realizado o trabalho, caminha em passos lentos, mesmo sendo discutida há alguns anos. Quanto ao questionamento das causas que levam esse fenômeno ao âmbito escolar, verificou-se que a relação da família é imprescindível na vida do indivíduo, fazendo com que ele não caminhe para lados negativos.

Ao investigar o processo de violência escolar no Ensino Fundamental em uma Escola Estadual de João Pessoa-PB, foi possível constatar que os professores da escola em questão desconhecem métodos específicos para se combater a violência na escola, no entanto trabalham de forma integrada em conjunto com aluno, família e professor. Sendo assim, essa forma alternativa de trabalho tem contribuído para o desenvolvimento principalmente de todos os que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

A realização da pesquisa na escola foi de significativa importância para que fosse visto, na prática, tudo que foi estudado na revisão teórica que fizemos, pois por intermédio dela foi possível esclarecer dúvidas a respeito do tema em questão. A participação dos professores e da coordenação foi de suma importância para a realização da pesquisa, respondendo ao questionário, apresentando suas experiências cotidianas com alunos, colaborando, assim, para o enriquecimento das informações e dados importantes para a conclusão desta pesquisa.

Foi possível observar que o ponto de vista da coordenadora com relação aos professores é distinto, uma vez que a percepção dela é mais ampla do que os próprios professores que estão dentro da sala de aula e que fazem parte do cotidiano desses indivíduos. Então, pudemos perceber que há omissão por parte dos professores, talvez por “medo” dos alunos, fazendo com que retarde uma possível solução.

Com o término do trabalho, conseguimos atingir os objetivos propostos aqui, analisar as causas da violência na escola onde foi realizada a pesquisa e colher os dados qualitativamente com teorias para embasar.

Concluimos que obstáculos sempre irão existir para este tema em estudo, o profissional em educação juntamente com a família tende a buscar melhorias para o aluno, assim conseguirá prepará-lo para que ele tenha uma boa relação no âmbito escolar, como também na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, M.G. **Violência Nas Escolas**. Versão resumida. Brasília: UNESCO Brasil, Rede Pitágoras. 2003
- ANACLETO et al. **Violência e Educação: O papel da escola frente a essa realidade**. In: II CONEDU.
- AMADO, João da Silva. **Indisciplina Na Aula: Regras, tarefas e relação pedagógica**. Psicologia, Educação e Cultura, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 53-72, 1999.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. MEC.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional** – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acessado em: 20 de novembro de 2016
- BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da Pesquisa Bibliográfica na Área Odontológica e o Artigo Científico Como Forma de Comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BARROS, Jussara De. **Escola X Violência**; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao/escola-x-violencia.htm>>. Acesso em 03 de novembro de 2016.
- CONSTANTINI, A. **Bullying, Como combatê-lo?** Prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução Eugenio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- Currículo Em Movimento da Educação Básica**. Ensino fundamental anos finais. Secretaria de Estado de Educação Do Distrito Federal.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 25ª Ed. Coleção Leitura.
- GONÇALVES, L.A. O; SPOSITO, M.P. **Iniciativas Públicas De Redução Da Violência Escolar No Brasil**. São Paulo, n.115, p. 101-138. 2002.
- GARCIA, Joe. **Indisciplina Na Escola**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr.1999.
- GOMIDE, P.I.C. IEP: **Inventário de Estilos Parentais: modelo teórico manual de aplicação e interpretação**. Petrópolis: Vozes 2006.
- JOSÉ FILHO, **Pesquisa: Contornos No Processo Educativo**. In: JOSÉ FILHO, M.; DALBÉRIO, O. (Org.). **Desafios da pesquisa**. França: Ed. UNESP/FHDSS, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogo, pra que?** 9 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

- LOPES Neto, Aramis A. **Bullying: Comportamento Agressivo entre Estudantes**. In: Jornal de Pediatria. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572005000700006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acessado em: 22 de novembro de 2016.
- MONTEIRO, A. Reis. **Deontologia Das Profissões da Educação**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.
- MINAYO, Maria. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.
- MARCONI. M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.
- NEVES, W. L. **O papel do diretor escolar frente à educação contemporânea: os desafios da gestão na escola**. In: SEDUC, 2014. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/O-PAPEL-DO-DIRETOR-ESCOLAR-FRENTE-%C3%80-EDUCA%C3%87%C3%83O-CONTEMPOR%C3%82NEA-OS-DESAFIOS-DA-GEST%C3%83O-NA-ESCOLA.aspx>>. Acessado em: 29 de novembro de 2016.
- PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, L.W. **Violência escolar: Na escola, Da escola e Contra a escola**. Curitiba. p. 161-179. 2009.
- PRIOTTO, Elis Palma. **Violência Escolar: Políticas Públicas e Práticas Educativas**. UNIOESTE.
- PINO, A. **Violência, Educação e Sociedade: Um Olhar Sobre o Brasil Contemporâneo**. Campinas. p. 763-785. 2007.
- PPP. **Projeto Político Pedagógico da E. E. E. F. M. Padre Dehon**2016.
- ROSA, Maria José Araujo. **Violência No Ambiente Escolar: Refletindo Sobre As Consequências Para o Processo Ensino Aprendizagem**. Revista Fórum de Identidades. Ano 4. V. 8. 2010.
- RAIMUNDI, Ana Carolina. **Casos de bullying nas escolas cresce no Brasil, diz pesquisa do IBGE**. In: Jomal hoje. Ed. 26/08/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jomal-hoje/noticia/2016/08/casos-de-bullying-nas-escolas-cresce-no-brasil-diz-pesquisa-do-ibge.html>>. Acessado em: 22 de novembro de 2016.
- RUA, Maria das Graças (1998). As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: M. G. Rua, **Jovens acontecendo na trilha das políticas publicas**. 2v. Brasília: CNPD, pp. 731-752
- RICHARDSON, Gil. **Instrumentos de Coleta de Dados**.
- RIBEIRO, M. L. S. **As funções do Supervisor, do Coordenador Pedagógico e do Orientador Educacional: Possibilidades e tendências**. Universidade Gama Filho, 1939, 19 p.
- SANTOS, L. C. de S.; MARTINS, M.; FILHO, M.D. de S.; MARTINS, M. do C. de C.; SOUZA, E.de M. S. **A cultura bullying na escola a partir do olhar das vítimas**. In: Estud. Pesqui. Psicol. Rio de Janeiro, vol. 13, nº1, abr. 2013.
- SILVA, H. H.; CASTRO, L. V. de. **Formação Docente e Violência Na Escola**. In: Psicol. Educ. n.26 São Paulo jun. 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752008000100004>. Acessado em: 21 de novembro de 2016.

SILVA, E. L. & MENESES, E. M. **Metodologia Da Pesquisa e Elaboração De Dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Pedro. N. **Ética, Indisciplina e Violência nas Escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes 2004.

TELLES, Vera. **Violência e Cidadania**. In: SÃO PAULO (Estado). Violência no esporte. São Paulo: Secretaria da justiça e da Defesa da Cidadania. 1996.

VEIGA, Ilma P. e D'Avila, Cristina (orgs). **Profissão Docente: Novos sentidos, Novas Perspectivas**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIANA, Nildo. Escola e Violência. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). **Educação, Cultura e Sociedade: Abordagens Críticas da Escola**. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Questionário do Professor**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Caro Professor (a),

Gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo a este questionário, com o propósito de subsidiar nosso Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**Violência Na Escola**: Quais são as causas que levam esse fenômeno ao ambiente escolar?". Este questionário servirá como instrumento para coleta de dados e em hipótese alguma será revelada a sua identidade, sendo assim não há necessidade da sua assinatura, pois sua identidade será mantida em sigilo.

Agradecemos antecipadamente.

Jéssica, Alice e Mariana.

1. Titulação

() Graduação:_____

() Pós-Graduação:_____

Tempo de serviço:_____

Tempo de atuação na escola:_____

2. Em que nível de escolaridade atua:

() Infantil () Anos iniciais Ens. Fundam. () Anos finais Ens. Fundamental

Nº de alunos por sala:_____ Faixa etária aproximada:_____

3. Já sofreu algum tipo de violência verbal em sala de aula ou fora dela? Se sim, quem o agrediu e por quê?

() Sim () Não

4. As causas da violência nos alunos da escola são:

() maus tratos em casa

() criação sem limite doméstico

() influência de filmes e jogos

() privação de moradia digna

() privação de alimento

() pais desempregados

() uso de drogas

() carência afetiva

() outros _____

5. Qual costuma ser a atitude da escola diante da violência?

() Reúne o corpo docente para discutir o assunto

() Chama os pais para uma conversa

() Informa ao Conselho Tutelar

() Evita confronto com o aluno

() Promove o diálogo e valoriza os esforços e conquistas do aluno

() outros _____

6. Você acha que a escola oferece suporte para lidar com a violência? Justifique sua resposta.

() sim () não

APÊNDICE B- Questionário da Coordenadora**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Caro Coordenador (a),

Gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo a este questionário, com o propósito de subsidiar nosso Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**Violência Na Escola**: Quais são as causas que levam esse fenômeno ao ambiente escolar?". Este questionário servirá como instrumento para coleta de dados e em hipótese alguma será revelada a sua identidade, sendo assim não há necessidade da sua assinatura, pois sua identidade será mantida em sigilo.

Agradecemos antecipadamente.

Jéssica, Alice e Mariana.

1. Titulação

() Graduação: _____

() Pós-Graduação: _____

Tempo de serviço: _____

Tempo de atuação na escola: _____

2. Em que nível de escolaridade atua:

() Infantil () Anos iniciais Ens. Fundam. () Anos finais Ens. Fundamental

3. Marque a forma como você percebe a entrada dos alunos na escola:

() com tranquilidade () empurrando os colegas

() gritando palavrões () outro

ANEXO

ANEXO A-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____ e _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da pesquisa “**INSERIR TITULO DO PROJETO**”.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **INSERIR TITULO DO PROJETO** terá como objetivo geral **INSERIR O OBJETIVO GERAL**

Ao voluntário só caberá a autorização para responder **INSERIR QUAL METODO PARA COLETA DE DADOS** e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) **INSERIR NÚMERO PARA CONTATO** com **INSERIR NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante

Assinatura do Participante

Assinatura do Participante

Assinatura do Participante

Assinatura do Participante

Assinatura do Participante

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica
Participante da pesquisa